

Notas Editoriais

Robson da Costa de Souza*

Este número da Revista do Grupo de Estudos de Gênero e Religião *Mandrágora/NETMAL* novamente contempla o/a leitor/a com um assunto atual e polêmico. De fato, depois dos atentados de 11 de setembro de 2001, o resultado da tensão entre sociedade secular e religião esteve na agenda de diversos intelectuais nacionais e estrangeiros, trazendo à tona a temática do fundamentalismo religioso.

O assunto é pouco explorado e gera controvérsia entre os pesquisadores. Ricardo Quadros Gouvêa, por exemplo, lembra-nos que a pesquisa sobre fundamentalismo é ainda bastante incipiente no Brasil e no mundo. As/os articulistas entram nessa “roda de debates”, destacando, obviamente, a relação entre fundamentalismo religioso e questões de gênero.

Ao folhear as páginas da *Mandrágora – Gênero, fundamentalismo e religião*, o/a leitor/a imediatamente perceberá que as relações de poder e dominação ganham contornos bem específicos nos grupos religiosos fundamentalistas, afetando principalmente as mulheres, numa maré crescente de violência masculina.

Quando a questão está em pauta, torna-se impossível não deixar de discursar sobre a relação entre misoginia e fundamentalismo(s). À luz da reflexão filosófica, Ricardo Quadros Gouvêa discorre sobre a “modernidade do fundamentalismo”, apontando para a dimensão profundamente contraditória dos movimentos religiosos que reagem violentamente à modernidade. Além disso, esse autor resgata a importância dos testemunhos “quando o objetivo das pesquisas é chegar às camadas mais profundas da discursividade humana e das ações sociais e culturais”.

O artigo de Eliane Moura da Silva “analisa as relações entre gênero, religião e trabalho missionário de mulheres solteiras entre o final do século XIX e inícios do XX. Destacando a figura da missionária metodista estadunidense Martha Hite Watts, que viveu no Brasil entre 1881 e 1908, explora as relações entre evangelicalismo, emancipação feminina, identidades, alteridades e papéis sociais de gênero, alteridades como representações históricas e culturais de movimentos de mulheres em suas tensas relações com a religião em suas vertentes conservadoras e fundamentalistas”.

Breno Martins Campos trata de puritanismo, fundamentalismo e condição feminina no protestantismo, explicando o comportamento ascético desses sujeitos religiosos. Numa importante convergência temática, Breno Martins Campos e Ricardo Quadros Gouvêa colocam a religião e a literatura em diálogo, resgatando um clássico da literatura estadunidense (*A letra escarlata*). Nesse sentido, por meio do estudo das “expressões literárias e artísticas de religiosidade e contra-religiosidade”, esses autores discursam sobre a ancestralidade do fundamentalismo protestante.

* Mestrando em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo, membro do grupo de Estudos de Gênero e Religião Mandrágora/NETMAL.

Karina Kosicki Bellotti discorre sobre a relação entre o protestantismo estadunidense e o uso da mídia para a evangelização e a instrução cultural. Para essa articulista, a batalha pelo acesso aos meios de comunicação foi um fator crucial para que os fundamentalistas se tornassem um grupo influente na sociedade estadunidense, superando as influências das igrejas liberais. Assim, a direita cristã, bíblico-fundamentalista, tem a vantagem de fazer contatos mais imediatos e mais persuasivos com as massas inseguras e assustadas do que outros grupos políticos mais secularizados.

A partir de uma análise histórica, Thálita Cavalcanti Menezes da Silva e Maria Cristina Lopes de Almeida Amazonas, autoras do artigo “Os sistemas de representação judaico-cristã e o endereçamento de posições-de-sujeito feminino”, demonstram que o papel atribuído à mulher na sociedade não é estático. As práticas de Jesus Cristo, por exemplo, contrastavam com o patriarcalismo da tradição judaica. Em seguida, a própria tradição cristã foi responsável pela manutenção das desigualdades de gênero. Depois, as mulheres pastoras da tradição protestante (calvinista e luterana) representaram uma nova tentativa de ruptura. Assim, as autoras, a partir de uma perspectiva pós-estruturalista, afirmam a instabilidade e as contradições dos sistemas de representação simbólica, permitindo o “vislumbre de múltiplos desdobramentos das posições endereçadas”.

Ao analisar a relação entre a dominação masculina e o Islã, o artigo de Cristina Maria de Castro procura fugir daquelas “leituras essencialistas” sobre o Islã. De fato, ultimamente o Islã vem sendo apresentado como um dos exemplos mais contundentes de intolerância e violência religiosa. Importa, então, refletir sobre o impacto das variáveis gênero e etnia sobre as interpretações islâmicas dos papéis sociais femininos no Brasil. Dialogando com dados do campo religioso, a autora procura relativizar o papel do Islã na determinação da condição feminina nas sociedades e comunidades mulçumanas.

Nossa pesquisa, sob orientação de Sandra Duarte de Souza, analisa a publicação oficial do trabalho feminino de uma denominação protestante que vive hoje sob o impacto do fundamentalismo, colocando as práticas discursivas misóginas dessa instituição eclesial em destaque.

Outrossim, a comunicação de Marcelo Barros também trata do fundamentalismo religioso e suas implicações para as questões de gênero. Além de delinear a diversidade de abordagens acerca do(s) fundamentalismo(s), esse autor aponta para dados estatísticos recentes sobre a manutenção da desigualdade de gênero. Enfim, ao apostar na atitude de abertura dialógica, o texto não ignora os riscos de um “fundamentalismo de conveniência”.

Last but not least, importa destacar a relevância dos livros resenhados nesta *Mandrágora*. As obras selecionadas fazem emergir um universo de vozes silenciadas. O/a leitor/a vibrará com as esperanças e lutas das mulheres de tradições religiosas diversas (judias, mulçumanas e cristãs) que não capitularam em face dos fundamentalismos religiosos.

Em suma, na *Mandrágora – Gênero, fundamentalismo e religião*, o/a leitor/a encontrará um conjunto de elementos “fundamentais” ao estudo da condição feminina nos contextos religiosos mais conservadores: artigos, resenhas, documentos, entrevistas, fatos, poemas, fotos, registro de vozes femininas etc.

A propósito, agradecemos aos articulistas pela prontidão ao convite. Reconhecemos também a valiosíssima contribuição dos membros da equipe responsável por esta edição da *Mandrágora*. Portanto, agradecemos ao aluno mestrando Felipe Fanuel pelo apoio na árdua tarefa de revisar os artigos. À professora Sandra Duarte de Souza, nosso respeito e gratidão pela ajuda de sempre.

Boa leitura!